

- Nonelo, n. h., 943. Doc. most. Arouca. Dipl. 31, n.º 53.
 Nonnado, app. h., sec. xv. S. 288.—Id. 190.
 Nonninna, n. h. (?), 867-912. L. Preto. Dipl. 3.
 Noquera, geogr., 1055. Doc. most. Moreira. Dipl. 242.
 Noronha, app. h., sec. xv. S. 172.
 Norza, app. h., 1220. Inq. 84, 1.ª cl.—Id. 173.
 Norze, app. h., 1258. Inq. 720, 2.ª cl.
 Notario, n. h., 946. Doc. most. Moreira. Dipl. 33, n.º 57.
 Notariz, app. h., 908. Doc. most. Moreira. Dipl. 11.
 Notarizi, app. h., 985. Doc. most. Moreira. Dipl. 90.
 Nouaes, app. h., 1228-1229. Leg. 610.
 Nouahes, app. h., 1251. Leg. 190.
 Noualelios, geogr., sec. xi. L. D. Mum. Dipl. 563, l. 11.
 Nouales, geogr., 1058. L. D. Mum. Dipl. 249, l. 39.—Id. 381.
 Noudal, geogr., sec. xv. F. López, Chr. D. J. 1.º, p. 2.ª, C. 202.
 Nouelios, rio, 1100. L. B. Ferr. Dipl. 546.
 Nouellas, geogr., 950. Doc. ap. sec. XIII. Dipl. 35.—S. 190.
 Nouellitú, geogr., 1085. Doc. most. Arouca. Dipl. 388.
 Nouoa, geogr., sec. xv. S. 164.—Id. 388.
 Noura. Vidè Daila.

(*Continúa*).

A. A. CORTESÃO.

Bibliographia

I

Boletim da Sociedade Archeologica (Santos Rocha), t. 1, n.º 2, Figueira 1904:

Relatorio da gerencia de 1900-1901. Destaquemos a dedicação scientifica dos membros d'aquella Sociedade que realizaram uma excursão ao Algarve, da qual se publicam os substanciaes relatorios, sem onus algum para o cofre social, saindo todas as despesas da bolsa dos excursionistas.

Comunicações: *Dolmens de Alcalar*.—O Sr. Dr. Santos Rocha redigiu a narração das explorações de dois monumentos da conhecida região archeologica de Alcalar, inventariando-os na mesma serie dos escavados pelo fallecido Estacio da Veiga; ficam assim designados por 8.º e 9.º monumentos. Este polyandrio dolmenico é dos mais importantes que temos para o estudo da paleo-ethnologia nacional. D'elle se fallará por muito tempo. O actual relatorio está feito com toda a minuciosidade, tendo merecido cuidadoso estudo os resultados d'esta exploração; só assim as theorias scientificas encontram base solida para se desenvolverem. O espolio dos monumentos n.ºs 1 a 7, está presentemente no Museu Ethnologico Português.

Materiaes para o estudo neolithico no concelho da Figueira, em que o Sr. P.^o Belchior da Cruz, principalmente, nos dava uteis noticias de uma estação de fundos de cabanas no Monte Gordo.

Materiaes para o estudo da epoca do cobre em Portugal.—Contém o relatorio da exploração de cistas nas necropoles algarvias da Baralha e do Cerro de Bartolomeu Dias, onde foram encontrados aquelles vasos tão caracteristicos de fundo convexo e gargalo concavo. O Museu Ethnologico possui, alem de outros, os dois vasos da Donaldia mencionados por Estacio. O fundo é internamente plano e um dos vasos tinha quatro mamillos sobre a aresta do bojo.

Estudo sobre um artefacto pre-romano de ouro descoberto no Algarve.—O Sr. Dr. Santos Rocha descreve uma notabilissima peça de ouro rebatido, com ornamentações de estilo micenense. É uma verdadeira joia de museu, pagina flagrante da historia das antigas relações, directas ou indirectas, entre a Iberia e as civilizações orientaes. O Sr. Director do Museu Ethnologico adquiriu, no Museu de Athenas, algumas reproducções galvanoplasticas de artefactos de ouro, do mesmo estilo, procedentes dos tumulos de Micenas. É patente a identidade.

O lagar luso-romano do valle de Marinho no Algarve, pelo Sr. P.^o Belchior da Cruz; analogas obras encontrei na Beira-Baixa; tambem do Minho se descreveram já algumas.

Restos da Figueira antiga e seus arredores, pelo Sr. Ferreira Loureiro, que justos prantos solta sobre as ruinas architecturaes e ethnographicas, que os habitos de hoje irremediavelmente deixam em tudo. Nada mais antiesthetico, com effeito, do que esses enfileiramentos geometricos dos predios modernos, crivados de aberturas, e excogitados não por um criterio de engenheiro, mas pela insaciedade do senhorio, que fez estilo neste seculo. Em Lisboa ainda restam algumas poucas habitações de resaltos, cuja razão de ser me parece, porém, apreciarem-na mais os moradores que os transeuntes, como propõe o esclarecido autor do artigo.

N.^o 3, Figueira 1906:

Relatorio da gerencia de 1901-1902, pelo Presidente da Direcção, Antonio dos Santos Rocha. Neste documento o incansavel archeologo compendia, em frase calorosa, os resultados das suas pacientes excavações e reconstituições do outeiro de Santa Olaia, onde, com singular felicidade, foi encontrar, sedimentados por camadas, os restos de populações preromanas.

As Communicações abrangem: a) *Notas sobre um caso de microcephalia*, por F. Nogueira de Carvalho; b) *Estação neolithica de Santa Olaia*, por A. Santos Rocha, onde, entre vario espolio, se encontrou um notavel alveolo de machado¹ e cabos de utensilios, tudo de chifre de veado; c) *As grutas de*

¹ *Bainha, estejo*, seria a traducção de *gaine*. Como especialização tecnologica, talvez se pudesse adoptar o termo *vagina*. Alem d'estes, *alvado, boquilha, casulo, caixa, encaixe*, poderiam ser objecto de escolha. Alem d'estes, *cachimbo*, nome

Palmeira, pelo P.^o Belchior da Cruz († 1904): é a publicação do relatório respectivo, que se conservava na Commissão Geologica, e do inventario do espolio d'estas grutas, que melhor se chamariam da Quinta do Anjo ou do Casal Pardo, illustrado com numerosos desenhos. No Museu Ethnologico ha um objecto de pedra semelhante ao da fig. 61, procedente de Obidos. É um seixo esferico deprimido; o sulco porém não é polido. Um illustre professor da universidade de Koenisberg, o Sr. Bezzenberger, que veio aqui estudar a nossa paleoethnologia, disse que tal objecto poderia ser de um jogo d'aquella epoca, jogo que na Allemanha ainda estava em uso com identico utensilio. Victor Gross (*Les Protohelvètes*, p. 51), descreve um analogo, referindo-se á mesma attribuição. Ainda de Sines temos outro calhau sulcado pelo plano do seu eixo maior; todavia este objecto será peso de rede; f) *Velho bronze dos arredores de Brenha*, por A. Santos Rocha. Se nos é permitido corroborar o parecer do exímio archeologo, acrescentaremos que a placa da Oliveirinha não poderá deixar de se considerar trabalho de arte visigotica; os exemplos d'este genero de representações animalescas são frequentes nas placas pertencentes aos cinturões d'aquella epoca, nas fibulas e noutras peças accessorias do vestuario. Attendendo á espessura minima do objecto, a classificação que mais verosimil se afigura, é a de uma chapa de enfeite do cinturão ou da correia de tiracollo. A presença de aneis ou argolas pela face posterior favorece esta interpretação. Verdade é que a peça se acha incompleta e que por isso não se deve excluir ainda outra hypothese: a de ser fragmento de uma d'aquellas placas caracteristicas do vestuario barbaro, quer do homem quer da mulher, das quaes pendia um jogo de seis ou sete pequenos utensilios de uso mais frequente na vida, — a tesoura, a pinça, o pente, a bolsa, o fusil, etc. Aquellas taes peças eram de bronze e «tinham a fórma redonda ou rectangular, com grosseiras representações de cruces ou estrellas, de grifos, de serpentes enlaçadas ou outros animaes fantasticos». Não encontrei debuxo igual ao da chapa de Oliveirinha nos escritos d'esta especialidade; seria uma exigencia documental que não se justificaria. Para a capitulação de um objecto de arte, basta que o estilo da epoca se traduza nelle; e creio que naquelle de que me occupo, o genero ornamental é accentuadamente visigotico, embora de periodo mais recente, em que se revela já alguma penetração bizantina, como expõem os AA. Tambem nesta feição da arte barbaro se encontram figuras de seres «difficeis de determinar». Propriamente a respeito dos artefactos visigoticos, diz Barrière-Flavy que algumas d'estas figuras tanto podem ser de cavallos, como de cães, de coelhos como de porcos. Feitas estas reflexões, talvez provisoriamente se possa aventurar a attribuição aos secs. VI-VII, d. C., da curiosa e rara placa da Oliveirinha; salvo melhor juizo. Conviria acaso pesquisar nas proximidades algum cemiterio contemporaneo, de onde a peça decerto

que se dá á peça fixa e furada dos gonzos das portadas, etc. Igualmente, *alveolo* parece adoptavel. Emfim, são incertezas que era bom que acabassem por iniciativa dos auctorizados, para pôr de parte a technologia estrangeira que humilha o nosso idioma.

provém. Não é de esperar que em Portugal ainda venham a ser descobertas necropoles dos barbaros, tão nutridas de bello espolio archeologico, como na Gallia são as dos francos e dos visigodos. Em compensação, talvez a cultura de character romano tenha cá penetrado muito pela epoca dos barbaros, deixando nesta vestigios geralmente considerados exclusivos da civilização anterior, como por exemplo mosaicos, mas que, na minha humilde opinião, pelo motivo ornamental se relacionam intimamente com os bronzes visigoticos. São elementos muito fugazes os que até agora nos proporciona a archeologia nacional, mas conveniente será ir quebrando, mesmo com hypotheses, o nosso tradicionalismo classico. Releve-me o generoso archeologo da Figueira esta tirada excessiva para uma simples noticia bibliographica.

A necropole da Moirama, nas vizinhanças de Celorico, por A. Santos Rocha. É a descrição de um curioso cemiterio todo de sepulturas rupes-tres. O que não é vulgar, é esta totalidade; ao resto, não são raras taes campas no norte e centro do país, aparentemente insuladas ou em reduzidos grupos. No meu apagado sentir, estes polyandrios são medievaes e christãos; que a fôrma trapezoidal exclue a epoca romana não me parece difficil prová-lo, bem como que essa configuração nos foi, como aliás na Hespanha e na Gallia, implantada pelos barbaros. A que seculo pertencem estas sepulturas de inhumação na rocha viva? Este agora é que é um problema, a que não se dá entre nós resposta precisa.

Foi decerto uma pratica determinada por certas condições sociaes, numa epoca em que aliás a fôrma anthropoide das sepulturas já existia como predominante e era acatada. A tegula, o dolio ou olla e a pasta grosseira da ceramica não são antagonicos com o medievismo barbaro. Em todo o caso, um cemiterio com tão numerosos cofres abertos na rocha não é cousa vulgar. Nas proximidades não terão sido encontradas sepulturas coevas de tijolos e tegulas?

Necropole luso-romana de Molião, pelo mesmo. Sepulturas rectangulares, de alvenaria e tegulas, com vasilhas. Lembram algumas de Vianna do Alemtejo, de inhumação, descritas no *Arch. Port.*, IX, 293. Neste estudo se confirma o amor e esculpulo com que o A. realiza as suas investigações, operando muitas vezes pelas suas proprias mãos. Honra lhe seja.

Alguidar de typo mudejar encontrado em Buarcos, por A. Goltz de Carvalho. No Museu Ethnologico Português ha restos de analogos alguidares nos mostradores da secção arabica.

As barreiras ou trincheiras no casamento beirão, por A. Carlos Borges. Descreve S. Ex.^a um costume beirão de que encontra similares em outros países, e filia-o numa especie de commemoração de antigos processos da conquista violenta da mulher pelo homem. São factos que os espiritos selectos sabem destacar pela sua significação, de entre os que não merecem um olhar sequer de observadores communs.

N.º 4, Figueira 1907:

Relatorio da gerencia de 1902-1903. Dá-se conta da intensiva laboração archeologica do Sr. Dr. Santos Rocha, principalmente no outeiro de

Santa Olaia, onde se tem exhumado os vestígios de uma civilização protohistorica relacionavel com a das margens do *Baetis* e portanto com a de outras afastadas regiões onde ella pôde já ser datada. Alegramo-nos com estes resultados tão uteis á historia ethnologica do portuguez, como honrosos para a sapiencia nacional ali representada.

As grutas da Columbeira, pelo Sr. Dr. Santos Rocha; narração e estudo de algumas grutas do concelho de Obidos, já exploradas por Carlos Ribeiro, mas de que infelizmente não ficou relatorio, embora devesse constar de notas particulares e extraviadas do finado geologo.

Restos de dolmens em Santa Olaia, pelo mesmo. Caso curiosissimo do achado de ruinas de dois monumentos megalithicos entre as ruinas do povoado da epoca punica. A larga folha de explorações já realizadas pelo presidente e dedicado archeologo da Figueira, permite-lhe fazer constantes comparações ethnographicas dentro do proprio fundo archeologico do seu museu.

Material para o estudo da idade do cobre em Portugal, pelo mesmo. É uma ponta de setta de cobre, procedente de Soure, de provavel sepultura de inhumação.

Os pequenos moinhos circulares de pedra nas estações pre-romanas do Valle do Mondego, pelo mesmo. São perfeitamente acertadas as ponderações do Sr. Dr. Santos Rocha; o caracter dos pequenos moinhos é archaico e não romano. Nestas mesmas ideias abundei em 1903 n-*O Arch. Port.*, VIII, 108.

Restos da Figueira antiga, pelo Sr. Ferreira Loureiro. São notas curiosissimas acêrca de architectura civil, militar e religiosa da Figueira.

As carpideiras nos funeraes beirões, pelo Sr. Carlos Borges. O A., em primorosa dicção, estampa os quadros funebres que se desenrolam numa terra da Beira, desde a *exposição* de um cadaver até o seu descer á cova. Certamente que estas fórmulas externas de sentimento fazem parte de uma liturgia ethnographica a que não se pôde desobedecer «porque os outros podem reparar», razão que occulta a influencia irresistivel da tradição através das mais variadas epocas da historia. Não são estas as lagrimas do coração, que intimamente experimentam os confrangimentos da dor; são lagrimas estipendiadas por mercancia de valores ou de conveniencias; mas para o ethnographo, são curiosos e frios elementos de estudo, desde os mais primitivos funeraes até aos de hoje.

Fiação popular no concelho da Figueira, pelo Sr. Pedro Fernandes Thomás. Outro attrahente estudo dos processos de preparação do fio, quer para a tecelagem, quer para a cordoaria, ainda empregados, mas decadentes no concelho da Figueira. A roca é quasi o emblema de trabalho da mulher rural portuguesa, não sendo raro, no norte do país, encontrarem-se mulheres, andando seu caminho, de roca á cinta. As suas peças constituintes devem ter tambem, na Figueira, uma tecnologia propria que se deveria registar. A roca do Minho é muito ornamentada; hoje o seu fabrico é quasi especialidade das prisões. Recordo-me de me entristecer com nostalgia, quando, estudante em Coimbra, contemplava a roca desenjorcada das mulheres d'aquellas cercanias.

II

Resenha das noticias archeologicas contidas em jornaes portugueses

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, 4.^a serie, t. xi, n.º 1.—*Casas memoraveis. Na casa de Petrarca.* Precedida de breves palavras, transcreve do n.º 272 do jornal *A Lucta*, a descrição da casa do grande poeta italiano do sec. xiv, na pequena povoação de Arquá, junto de Padua, descrição esta feita em correspondencia de Bolonha para aquelle jornal, por Manoel de Sousa Pinto.

Cruzeiros notaveis (continuação), por Sousa Viterbo. Descreve os cruzeiros da Labrugeira, na freguesia de Ventosa, concelho de Alemquer, de Venade em Caminha, de Bustello junto a Penafiel, de Chellas em Lisboa e os cruzeiros dos arredores de Evora. Com estampas.

A Infanta D. Maria e o seu hospital da Luz (continuação), por Victor Ribeiro. Com estampas.

Catalogo das moedas e medalhas do Museu do Carmo, pelo socio effectivo Arthur Lamas. É a conclusão dos numeros anteriores e comprehende:

Medalhas Portuguesas, medalhas Brasileiras, medalhas da Santa Sé, Inglesas e de diversas nações¹.

Idem, n.º 2.—*Parecer da Secção de Archeologia com respeito á conservação e fórma como devem assinalar-se as casas memoraveis.* Depois de explicar a dificuldade que ha em estabelecer um criterio a que fique subordinada a apreciação historica das personalidades illustres que assinalaram, com qualquer acto da sua vida, casas que, por esse motivo, convem conservar ou assinalar, explica a maneira como se organizaram tres listas ou notas de casas, por varios titulos memoraveis. Não apresenta, porém, essas listas como classificação definitiva, ou como desejo ou proposta de que fiquem sendo consideradas como dignas de serem incluídas na relação dos monumentos nacionaes, mas tão sómente como simples lembrança ou apontamento das que occorreram á memoria dos socios da respectiva secção. Seguem-se, depois, as listas das casas, divididas, como se disse, em tres grupos: 1.^a lista—Casas memoraveis já assinaladas, ou não, por lapides, e que merecem, pela grandeza das entidades a cuja memoria se prendem, ser consideradas como monumentos nacionaes; 2.^a lista—Casas já assinaladas por lapides e outras que por ventura poderão ser incluídas numa lista de monumentos de mais secundaria categoria; 3.^a lista—Casas a cuja historia anda vinculada a memoria de algum portuguez illustre, e que bem merecem ser apontadas e recommendadas á consideração e estima da nação portuguesa. Está assinado este parecer por Mrg. Elviro dos Santos e por Victor Ribeiro, Presidente e Vice-Secretario da Secção de Archeologia.

Pelourinhos e cruzeiros notaveis (continuação). Extracto dos officios das Camaras Municipaes que responderam ao inquerito feito pela Associação.

Cruzeiros notaveis (continuação), por Sousa Viterbo. Com estampas. Descreve os cruzeiros da Atalaia em Aldegallega, de Villa Viçosa e de S. Marcos na freguesia de S. Silvestre, concelho de Coimbra.

¹ Fez-se separata com o titulo de *Catalogo das moedas e medalhas do Museu do Carmo*, Lisboa 1907, 81 pags. e 1 estampa.

Portugalia, fasciculo 3.º do tomo II.—*Estações pre-romanas da idade do ferro nas vizinhanças da Figueira*, por Antonio dos Santos Rocha Com estampas. No *preambulo*, comparando os descobrimentos archeologicos de Portugal com o que se tem escripto sobre as descobertas analogas de Espanha, Africa, Creta, etc., conclue que houve influencia das civilizações fenicia e punica em o nosso territorio. Entrando depois propriamente no assunto, pôde avaliar-se a importancia d'esta sua primeira parte pela seguinte indicação dos capitulos e paragraphos em que o autor dividiu o seu estudo. *Parte 1.ª, S.ª Olaya*. I. Topographia e estatigraphia archeologica. Estação medieval. Estação luso-romana. 1.ª estação pre-romana da idade do ferro. 2.ª estação pre-romana da idade do ferro. 3.ª estação pre-romana da idade do ferro. Estação neolithica.—II. Os povoados pre-romanos. Disposição e architectura dos edificios.—III. Mobilario metallico: 1.º, O ferro. 2.º, O cobre e bronze. 3.º, O chumbo.—IV. Ceramica: 1.º, Ceramica indigena. 2.º, Ceramica exotica trabalhada á roda. 3.º, Grandes vasos exóticos trabalhados á mão. 4.º, Modificações na ceramica de fabrico local sob a influencia dos modelos exóticos. 5.º, Confrontação de certos exemplares de ceramica com os de alguns oppidos de Entre-Douro-c-Minho e de outras estações de Portugal. 6.º, Peças de collar. 7.º, Fusaiolas. 8.º, Pesos de tear. 9.º, Pesos de rede.—V. Mobilario de vidro, osso e pedra, e restos de cozinha: 1.º, O vidro. 2.º, O osso. 3.º, A pedra. 4.º, Restos de cozinha.—VI. A necropole.—VII. Nota sobre os restos humanos da necropole de Ferrestello. (Os seis primeiros capitulos d'esto estudo estão assinados, como se disse, por Antonio dos Santos Rocha; o ultimo é subscrito por Ricardo Severo e Fonseca Cardoso).

As arrecadas de ouro do castro de Laundos, por Ricardo Severo. Com estampas. Descrição de umas arrecadas de ouro encontradas dentro de um vaso de barro enterrado no alto do castro de Laundos, freguesia d'este nome, concelho de Povoia de Varzim.

Duas joias archaicas, por José Fortes: I *Collar de Valle da Malhada*. II *Bracelete do Bairro*. Com estampas. Descrição de um collar de ouro, achado na freguesia de Rocas do Vouga, concelho do Sever do Vouga, e de um bracelete de ouro tambem, achado na freguesia do Bairro, concelho de Villa Nova de Famalicão. Não pôde o autor determinar a epoca a que pertencem por terem sido «recolhidos accidentalmente por imperitos».

Necropoles lusitano-romanas de inhumação, por Ricardo Severo. Com estampas. Este estudo divide-se pela fórma seguinte: I. Cemiterio do Bairral (freg. de S.ª Leocadia, conc. de Baião). A necropole. As sepulturas. O espolio.—II. Cemiterio de Villa Verde (freg. de Bagunte, conc. de Villa do Conde). O espolio.—III. Considerações geraes.

Esconderijo morgeano da Carpinteira (Melgaço), por José Fortes. Descrição de mais um apparecimento de machados de bronze de duplo anel e dupla canelura.

Castros do concelho de Amarante, por J. de Pinho. Noticia dos castros denominados: Monte do Crasto (proximo do logar de Gião); Ladario (logar de Paredes); Crasto de Villa-Garcia (proximo do logar da Ponte Nova).

Casa e necropole lusitano-romana de Villarinho (Amarante), por José Fortes. Restos de uma casa e ceramica funeraria de diferentes fórmias e por vezes pintada.

Achado de moedas romanas de Braga, por J. M. Bronzes do sec. IV

Noticias epigraphicas, por José Fortes. Fragmentos lapidares, com inscripções, de Adáufo (Braga) e Roncal (Moncorvo), e uma lapide inteira do concelho de Lousada, que diz: D · M · S | SIPTV | MANVS | POSIIT | MATRI | .

O Occidente, revista illustrada de Portugal e do estrangeiro, 30.º anno, 1907.— Extractos dos numeros de 20 de Abril e sqq. até 20 de Novembro inclusive.

A velha Lisboa (memorias de um bairro), por G. de Matos Sequeira. É a continuação dos numeros anteriores e occupa-se de: Fundação do noviciado dos jesuitas numa quinta, chamada do Monte Olivete, que lhes fôra doada por Fernão Telles de Menezes.— Lançamento da primeira pedra em 26 de Abril de 1603.— Descrição do edificio.— O noviciado.— A igreja. Prejuizos causados pelo terremoto no collegio do Monte Olivete.— A criação do collegio dos Nobres em 7 de Março de 1761.— O grande impulso dado á instrucção pelo Marquês de Pombal.— Os rendimentos do Collegio dos Nobres.— A Academia Real de Marinha, criada por lei de 5 de Agosto de 1775, foi provisoriamente estabelecida numa dependencia do collegio dos Nobres.— O abandono a que está reduzido o tumulo do fundador do noviciado jesuitico.— Como acabou o Collegio dos Nobres. Controversias a que deu causa a sua extincção. Intervenção de Alexandre Herculano no assunto, etc., etc.

É, como se vê, uma serie de apontamentos, com indicações documentaes, que constituem um subsidio para a historia que um dia se tente fazer da cidade de Lisboa. Ahi encontra igualmente o ethnologo abundante copia de esclarecimentos para o estudo do antigo viver da sociedade portuguesa.

Illustração Portuguesa.— Edição semanal da empresa «O Seculo».— Extractos dos numeros 63 a 88, de 6 de Maio a 28 de Outubro de 1907.

Velhas biblias portuguesas. Succinta relação das primeiras biblias impressas em lingua portuguesa. Com estampas.

As inscripções indianas de Cintra. Reproduz em estampas as duas lapides de pedra com inscripções indianas existentes na quinta da Penha Verde em Cintra, dizendo como o distincto archeologo e official de marinha J. Herculano de Moura conseguiu a transcrição portuguesa duma dessas inscripções.

A Madre de Deus, um dos mais ricos museus de arte de Portugal por J. Com estampas. Rapida descrição da igreja d'este convento, indicando muito summariamente as preciosidades artisticas que encerra.

A arte egypcia. Uma conferencia do Sr. Conde de Penha Garcia. Com estampas. Interessantes notas sobre a escultura egypcia.

Uma casa de Pompeia [i. é, *Pompeios*]. Noticia, acompanhada de bellas estampas, de um recente descobrimento feito na celebre cidade, hoje em grande parte desobstruida das lavas do Vesuvio que durante tantos seculos a tiveram soterrada.

Serões, revista mensal illustrada.— Editada pela livraria Ferreira e Oliveira Lt.^{da}, de Lisboa. Extracto dos numeros de Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 1907:

Evora antiga. O mosteiro do Calvario, por A. F. Barata. Com estampas.

A architectura da Renascença em Portugal, por Albrecht Haupt. Parte II. O Pais. I. *Alcobaça*. Descreve, a largos traços, a igreja e annexos do mosteiro de Alcobaça. Com estampas. II. *A Batalha*. Rapida descrição geral do monumento, e mais especificadamente das capellas imperfeitas que classifica, se tivessem sido concluidas, como a primeira igreja tumular da peninsula. III. *Leiria*. Mostra-nos, em estampa e em breve descrição, um dos muitos

palacetes dos seculos XVI e XVII de que, em grande parte, é formada a cidade; indicando-nos depois, como principal monumento religioso, a igreja de S.^{ta} Maria. IV. *Thomar*. Resenha histórica da fundação e transformações da celebre matriz dos Templarios portugueses e depois da Ordem de Christo. Sua descrição. (Todos estes artigos são profusamente acompanhados de estampas).

A musica no Egypto, no tempo dos Faraós, por D. Josefina de Vasconcellos Abreu. Com estampas.

A fonte dos amores, por Mario Monteiro. Com estampas. Num artigo, documentado, mostra-se a sem-razão dos que attribuem á tragica morte de D. Inês de Castro a origem do nome dado á celebre fonte da quinta das Lagrimas, outrora «Quinta do Pombal». Diz-nos qual, em seu entender, é a verdadeira Fonte dos Amores

ALVARO DE AZEREDO.

O Archeologo Português — 1907

Registo bibliographico das permutas

Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, XII 249

Atti della R. Accademia dei Lincei; 1906. Fasciculo 1. — *Foro romano. Esplorazione del sepolcreto*, por G. Boni. Sepulturas de cremação anteriores ao sec. VIII a. C., com characteristics cabaninhas de barro, etc. *Crani preistorici trovati nel Foro romano*, por A. Mosso, etc.

Fasciculo 2. — Entre outros: *Scavi nella necropoli di Barano*, etc., por Ettore Gabrici; de onde se retiraram vasos com ornamentações de circulos concentricos, de faixas com figurado archaico, etc., muito curiosos. Descrevem-se no mesmo artigo as ruinas de um amphitheatro, uma ara-omphalos ou symbolica, etc.

Fasciculo 3. — Avulta um garrafão ou balão de vidro, procedente de uma sepultura trapezoidal mas sem sinal christão; no Museu ha do espolio de Estacio da Veiga um recipiente identico, embora mutilado no gargalo.

Fasciculo 4. — Noticia das escavações em Pompeis desde 1902 (Dezembro) a Março de 1905. São curiosas duas fontes com o respectivo tanque; dir-se-hiam feitas nos nossos dias; inscrições; ceramica sarda, etc.

Fasciculo 5. — Da região de Veneza, em Este, uma laminazinha de osso graduada como as reguas de hoje; da Sicilia umas catacumbas pre-constantinianas, com arcosolios mono- e polysomos, e da Sardenha uma inscrição latina com onomastico indigena e o nome *Bacoru*. . . que o A. confronta com *Bacurius*, de procedencia iberica e que tambem talvez se relacione com *Bocchori*, referido por E. Hübnér (*Mon. Ling. Iber.*, p. 247) como das Baleares.

Fasciculo 6. — Descrevem-se mais catacumbas na Sicilia, em cuja architectura o Sr. P. Orsi vê influencias orientaes; uma lampada é muito semelhante a um exemplar algarvio que existe no Museu Ethnologico; do estilo da teia que dividia o recinto em duas secções, tambem possui o mesmo Museu um fragmento de placa marmorea, etc.

Fasciculo 7. — Continuação do relatorio acêrca das sepulturas do Foro romano, com bellas e minuciosas illustrações.

Fasciculo 8. — Descobrimto em Roma de dois notaveis sarcofagos do sec. IV; um com a frente singularmente ornamentada com volutas, caulicolos